NOTAS E TRANSCRIÇÕES

O Ceará se Despovoa (*)

RACHEL DE QUEIROZ

Desde que existem Brasil e Ceará, costuma o cearense abandonar a sua terra e ganhar o mundo em procura de fortuna. Eterno filho segundo que só recebe de herança o sol para alumiar e o caminho para andar, seu destino permanente é de aventura. De cada dez homens, na nossa terra, nove emigram. (sic) Há os que partem mocinhos e vão se fazer cidadãos de outras províncias, construindo vida nova e nunca mais voltando. Há os que adiaram o mais possível a hora da partida, e só embarcam na fôrça do homem, levando consigo a família formada; há os que se radicam longe, e há também a grande onda dos que retornam, trazidos pela desilusão ou pela saudade. Não foi atôa que Alencar fêz um emigrante do primeiro cearense — o mameluco Moacir, filho da índia e de Martim Soares Moreno.

Isso quererá dizer que o cearense é emigrante por natureza, traz consigo o destino da fuga e da instabilidade — ou quer dizer ao contrário que a terra madrasta não o deixa viver em paz no pedaço de chão onde nasceu?

As duas coisas devem ser verdade, e não se pode negar que o nosso temperamento aventureiro não nos levaria tão longe se a nossa terra fôsse outra, em vez de ser como é, que não garante a ninguém o pão do dia de amanhã. E ao mesmo tempo, como para desmentir tôdas essas afirmativas, verifica-se que o Ceará é, proporcionalmente, um dos mais populosos Estados da Federação; e assim, a sua cota de emigrantes seria uma coisa quase obrigatória, a sangria indispensável ao excesso de habitantes, como acontece com italianos, portuguêses, irlandêses, e demais populações de alto índice de natalidade, cuja terra de bêrço não tem recursos bastantes para sustentar todos os seus filhos.

De qualquer modo a emigração de nordestinos e especialmente de cearenses,

---

(*) Publicado no "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro, 10 de agôsto de 1952.

era fenômeno a que no Brasil já estávamos todos habituados e nunca foi tida como motivo de alarme e inquietação. Pelo contrário, parecia até que representava um elemento de equilíbrio nos nossos altos e baixos populacionais, o excesso de gente partindo do nordeste em busca das zonas de pouca densidade demográfica, como, por exemplo, o Amazonas. Não fôsse o retirante cearense, a Amazônia provàvelmente ainda estaria tôda em poder dos índios, e o Acre ainda seria boliviano.

Mas acontece que êsse fluxo regular de emigração, aumentado sòmente nos períodos de sêca, transformou-se ùltimamente numa fuga em massa, num verdadeiro êxodo. Os anos sucessivos de estiagem e de inverno escasso, a facilidade maior dos meios de transporte, a esperança de fortuna nas terras ricas do sul, têm sido como um ímã a atrair nordestinos e especialmente cearenses, que fogem da sua terra natal como os judeus do Egito, numa onda contínua, que cada dia engrossa mais.

Justamente se têm alarmado com êsse despovoamento sistemático todos os interessados pela vida do nordeste. A representação parlamentar cearense tem feito o possível para explicar e deter o fenômeno, tem apelado, tem bradado, tem advertido — mas aparentemente em vão. Armando Falcão, Paulo Sarasate, Adahil Barreto, Virgílio Távora, para falar nos que mais vêm atacando o problema, fazem o possível, da tribuna da Câmara e fora dela, para ajudar a terra natal nesta crise mais grave de tôda a sua vida, desde o Descobrimento.

Mas o govêrno, interessado apenas em fórmulas demagógicas, não dá ouvidos à voz dos que realmente procuram e apontam soluções para o drama do nordeste. Não se ataca a fera pela frente, tôdas as tentativas feitas visam mais à publicidade do que à realidade; sim, não se pode negar que dão esmolas. Comida, fazendas, remédios, e até enxadas, acompanhadas de um cartãozinho dizendo que aquilo é presente do presidente Getúlio Vargas... Mas não será com esmolas, mesmo que elas sejam dez vêzes mais abundantes, que se irá resolver o secular problema das sêcas. Matar a fome do flagelado é obra de caridade, e serve durante vinte e quatro horas. Mas depois de passado um dia, uma semana? Pode o govêrno sustentar indefinidamente o seu imenso pátio de milagres, as suas concentrações de retirantes?

Tenho em mãos uma conferência sôbre o assunto, feita por um dos parlamentares citados acima, o jovem deputado Virgílio Távora. Nesse trabalho, que tenho pena de não poder transcrever porque é longo, o deputado Távora estuda com muita inteligência a veracidade as causas auxiliares do nosso drama — isto é, a incúria, os êrros, as injustiças, as incoerências dos govêrnos que antes se associam às sêcas, em lugar de combatê-las, e em vez de embargar a marcha nefasta do flagelo, ajudam-no a alcançar as suas últimas consequências.

Depois de fazer uma equilibrada crítica, o parlamentar cearense apresenta soluções, que me parecem tôdas interessantíssimas, e dignas de acurado exame por parte dos entendidos. Divide as suas sugestões em medidas imediatas ou de emergência, e em medidas mediatas ou definitivas. Nas primeiras, inclui as medidas asssistencias destinadas a atender os emigrantes abandonados pelos aliciadores nas cidades do sul, e a promover o regreso dos que o desejarem. Repressão

ao mercado humano hoje existente; luta contra os motoristas negreiros. Criação de emprêgo pleno na zona flagelada, com amplificação das obras públicas e liberação imediata e total das dotações orçamentárias dos Ministérios da Viação e da Agricultura. Levantamento dos salários de fome, que o govêrno paga atualmente; financiamento das presentes safras de algodão e cêra de carnaúba. Em seguida sugere as medidas definitivas, ou mediatas, as quais tentaremos resumir em algumas linhas:

Revitalizar a região nordestina, procurando minorar o desequilíbrio econômico, que dia a dia se acentua, entre o Nordeste e o Sul. Adaptar a economia do nordeste ao meio, libertando-a o mais possível da interferência da sêca: torná-la industrial, extrativa, agrícola resistente à sêca (cultura do agave e do mocó, por exemplo). Aproveitamento dos tratos de terra aproveitáveis, recurso à irrigação intensiva, prática das chamadas culturas sêcas, etc.

Desenvolvimento contínuo e racional da industrialização (idéia sugerida em primeira mão pelo professor Colombo de Sousa) à base da energia barata (Paulo Afonso, grandes açudes).

Apêlo à pecuária bem orientada e adaptada à situação climática, exploração e pesquisa intensa dos nossos recursos minerais, com financiamento amplo a tôdas essas atividades.

Dirá alguém que o deputado Távora não descobriu a polvora, que essas soluções, isoladas ou em conjunto, já vinham sendo apresentadas por vários estudiosos do fenômeno das sêcas. Muito bem. E, então, se isso já é verdade conhecida, por que o govêrno dela não toma conhecimento? Por que não se estabelece realmente um plano de recuperação do nordeste, antes que a tragédia atinja proporções irreparáveis? Por que não entra a funcionar o falado Banco do Nordeste? Por que não entrega o govêrno as verbas que a Constituição nos garante, e antes as desvia para os Estados privilegiados daqui do sul, que têm tudo, o pão, a manteiga e o doce, enquanto nós não recebemos sequer o punhado de farinha e a cuia d'água? Por que o Executivo e a sua maioria no Congresso acham que o norte e especialmente os Estados do nordeste são os enteados da União, devem ser mesmo despovoados e abandonados, entregues de uma vez ao sol e aos urubús?

A frase famosa da locomotiva e dos vagões vasios é uma boa boutade, mas de boutade não passa. Na família federal, é verdade que nós somos os parentes pobres. Mas temos a nossa utilidade. E acima de tudo, nós também somos Brasil. Pagamos impostos; damos soldados. Compramos tudo que nos impingem. Exportamos matéria prima para o estrangeiro — e poderá alguém afirmar que recebemos em utilidades o equivalente das divisas que a nossa exportação oferece à economia nacional? Pelos dólares das nossas exportações, que é que nós recebemos? Máquinas, tratores, fertilizantes, crédito bancário?

E mesmo que fôsse verdade a tal "blague" da locomotiva, é bom que se lembrem os donos do Brasil que trem nenhum se faz só com a máquina. De qualquer forma, tem que haver os vagões; e se êles estão vasios, o remédio é enchê-los, e não atirá-los de linha abaixo...